**Movimentos educadores que denunciam o genocídio do povo negro**

Rafaela Pereira Lima – pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense

Shirley Martins da Silva Camillo – graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo**

A partir do conceito de movimento negro educador de Nilma Lino Gomes, o artigo discute as perspectivas educativas de duas iniciativas que denunciam diferentes aspectos do genocídio do povo negro. Aborda o ativismo das mulheres que denunciam o genocídio como assassinato em massa: mães e familiares de vítimas de violência do Estado. Trata ainda de uma iniciativa que denuncia o genocídio cultural: o Puxando Conversa, que difunde histórias de vida de compositores de samba negros e periféricos, combatendo a desvalorização, a discriminação e a invisibilização da cultura afrobrasileira.

**Palavras Chaves:**

Educação; arte; mobilização social; genocídio do povo negro

**Resumo Expandido**

Na pioneira obra Genocídio do Povo Negro, publicada em 1976, Abdias do Nascimento defende que o genocídio vai muito além do assassinato em massa de pessoas. Envolve o extermínio por meio de diversas violações imbricadas: além da violência e dos assassinatos sistemáticos, a precarização extrema da vida, a desvalorização, a invisibilização e mesmo o ataque e a desintegração de instituições e práticas culturais, sociais e religiosas dos afrodescendentes. Ainda segundo o autor, outra dimensão dessas violências imbricadas merece ser destacada: o escamoteamento do racismo por meio do mito da democracia racial.

Diante do genocídio, há que se denunciar a opressão e reivindicar o direito à vida e à cidadania do povo negro. É a isso que se dedicam os movimentos que, em nosso país, têm origem nos quilombos que se rebelaram contra a escravidão no período colonial e chegam aos dias atuais como um vasto e multifacetado campo de mobilização social. Segundo Nilma Lino Gomes (2017), esse campo é constituído pelo movimento negro (negras e negros que lutam contra o racismo) e por um âmbito ampliado da luta antirracista, que envolve movimentos sociais que promovem, de forma explícita, pautas relacionadas ao combate ao racismo.

Gomes afirma ainda que o movimento negro é educador: produz saberes emancipatórios, sistematiza conhecimentos sobre a questão racial, transforma os saberes em reivindicações de políticas de Estado, subsidia a construção de políticas públicas (GOMES, 2017, p. 14).

O presente artigo pretende discutir, a partir do conceito da autora, as perspectivas educativas de duas iniciativas que denunciam diferentes aspectos do genocídio do povo negro. De um lado, trataremos da experiência de ativismo das mulheres que denunciam o genocídio como assassinato em massa de um povo: mães e familiares de vítimas de violência do Estado. De outro, abordaremos uma iniciativa que denuncia o genocídio cultural: o Puxando Conversa, que difunde histórias de vida de compositores de samba negros e periféricos, combatendo a desvalorização, a discriminação e a invisibilização da cultura afrobrasileira.

*Do luto à luta: mães contra o genocídio*

Acari (RJ, 1990), Carandiru (SP, 1992), Vigário Geral (RJ, 1993), Candelária (RJ, 1993), Carajás (PA, 1996), Crimes de Maio (SP, 2006), Cabula (BA, 2015): essas são algumas das chacinas[[1]](#footnote-1), ocorridas em vilas, favelas e periferias brasileiras, que levaram mães e familiares das vítimas a se politizarem e a construírem coletivos e redes de ativismo em busca de justiça.

Há grupos de mães mobilizadas pelo enfrentamento ao horror e ao massacre em todo o país. E a luta dessas mulheres é contra o racismo, posto que a esmagadora maioria das vítimas da violência do Estado é constituída por pessoas negras. Segundo o Atlas da Violência (IPEA e FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023), 77,1% das vítimas de mortes violentas no Brasil são pessoas negras.

Esses coletivos de mulheres lutam contra a violência letal do Estado e denunciam o caráter racializado de tal violência levando seus gritos de indignação e seu pranto aos espaços públicos. Buscam fazer do seu luto um luto público – e, do luto público, luta.

As marcas do luto estão nas vigílias nos espaços públicos que são palco de assassinatos e chacinas, para as quais as mulheres levam fotos e objetos de quem foi assassinado, além de flores. Estão, ainda, nas mais variadas intervenções artísticas urbanas – como, por exemplo, a ocupação de grandes espaços em praias, com a instalação de centenas de cruzes, adornadas com objetos fúnebres, que evocam a imagem de grandes cemitérios, lembrando os assassinatos em massa.

As mães promovem dezenas de atos públicos ao longo do ano. Os atos sempre são marcados por um cortejo com cantos que falam de luta e dor. Além disso, no chão, elas estendem bandeiras e faixas com os símbolos e dizeres de sua luta, junto com fotos e objetos dos filhos executados. O luto afirma o valor das vidas perdidas, na busca para que não sejam esquecidas. Gritar os nomes e mostrar as imagens dos jovens assassinados é, portanto, fundamental.

Fundamental, ainda, é registrar as histórias de vida e morte, por meio dos relatos das mulheres – que são registrados e difundidos em livros, sites e documentários criados pelos movimentos e por colaboradores. As histórias de vida são um elemento muito forte em tais produções. O foco recai em depoimentos nos quais mães exibem fotos de seus filhos, falam de como era o cotidiano de convivência com eles, de como foram violentadas pelos assassinatos deles e da doída falta que sentem. Familiares e amigos também trazem elementos da vida em comum com as pessoas que lhes foram tiradas, e destacam o sofrimento da perda.

Na narrativa de cada mãe ou familiar, o bandido sem face dos jornais policialescos, a figura estereotipada que encarnaria o mal, cede lugar a histórias de seres humanos brutalmente assassinados – inocentes alvejados em ações aleatórias de afirmação de poder de grupos criminosos, forças do Estado e milícias; ou, então, pessoas marcadas para morrer por situações de conflito com esses mesmos aparatos: a polícia, as milícias e o tráfico. E as histórias desses jovens são narradas por mães e outras pessoas que tiveram suas vidas dilaceradas pelas perdas. Em contraposição à indiferença, convida-se ao reconhecimento da singularidade de cada história de vida, à comoção, ao luto compartilhado.

*Puxando Conversa: samba contra o genocídio cultural*

### Desde os anos 1990, de forma intermitente, um grupo de realizadores de audiovisual popular se reúne em torno do Puxando Conversa, projeto que produz documentários de registro e divulgação das histórias do samba e do cotidiano popular, contadas por seus cronistas oficiais: os compositores.

### Os compositores que contam e cantam suas histórias e as histórias de seus sambas nos documentários são, em sua grande maioria, negros e moradores de periferia. São pessoas que enfrentam inúmeras dificuldades para sobreviver e que não tiram seu sustento do trabalho com a música. Mas a música e a experiência de criação cultural e de sociabilidade em torno do samba têm um profundo significado para eles, para as comunidades das quais fazem parte e para a cultura brasileira.

### Para falar dessa importante expressão cultural e dos sujeitos que a criam, o Puxando Conversa já produziu 27 documentários sobre as histórias de vida de 49 compositores, cuja produção é de grande valor e importância. São esses compositores populares que, ao longo da história, cotidianamente dão vida e vigor ao samba. No entanto, geralmente, quando tais artistas conseguem levar suas músicas para além do circuito das ruas, bares e pequenas casas de shows, as comercializam para serem levadas ao público por intérpretes famosos – que acabam sendo associados às canções, ficando os autores sem reconhecimento. Dessa forma, eles são operários anônimos da indústria e do mercado fonográfico.

### O Puxando Conversa é tema articulador de investigações e reflexões do grupo de pesquisa LEAM – Laboratório de Estudos e Aprontos Multimídia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenado pelo professor José Valter Pereira – conhecido como Valter Filé. Segundo o site <https://leam.uff.br/>, o LEAM “tem como questão central o racismo que persiste e atualiza-se na sociedade brasileira. Sua atuação – seus estudos e aprontos – têm como campo de atuação a formação de professores/as”.

### O extenso acervo do Puxando Conversa tem desempenhado um importante papel formativo em atividades promovidas pelo grupo de pesquisa: rodas de conversa e debate, pesquisas, artigos e outras produções acadêmicas.

 Trata-se de uma iniciativa cultural, articulada por ativistas pelos direitos das pessoas negras, que também tem um intenso papel educador. Papel, esse, que é desempenhado desde os seus primeiros anos, seja nos documentários disponibilizados na internet (<https://bit.ly/PuxandoConversa>), nas dezenas de lançamentos em espaços públicos e lives, e nas atividades que o projeto tem tido no grupo de pesquisa LEAM.

### Indo além, afirmamos que, a partir do cotidiano negro do samba, os documentários promovem uma educação antirracista contra o genocídio do povo negro. Afinal, o projeto denuncia e busca um caminho de reparação para a lógica da indústria cultural na qual o compositor negro e periférico não é reconhecido, recebe precária remuneração (quando recebe) e é invisibilizado. Além disso, afirma, valoriza e difunde o cotidiano, as táticas de resistência e a arte negra, a partir dos protagonistas dessa arte.

### O combate ao genocídio cultural do povo negro pressupõe o entendimento de que há múltiplas histórias e que muitas delas nos foram negadas. É preciso, pois, dar visibilidade ao samba e às histórias de vida dos compositores de samba, que envolve “uma rede de relacionamentos pessoais, o partilhar de uma memória comum, com tradições e ‘culto’ aos ancestrais” (ALVITO, 2000. p. 47-48).

### Nas redes tecidas em torno do samba, os saberes e histórias negros seguem circulando e se mantendo vivos. Ao nos deparar com as histórias dos compositores, podemos vislumbrar “formas como estas pessoas estabelecem suas maneiras cotidianas de estar no mundo, de viver a partilha de bens comuns – materiais e imateriais – bem como os processos de socialização.” (FILÉ, 2006, p. 50).

### Por tudo isso, o Puxando Conversa, assim como outros projetos que registram e difundem histórias e saberes de pessoas que constroem a arte e a cultura afrobrasileiras, podem ser valiosas experiências de educação antirracista e contra o genocídio do povo negro, conforme já afirmamos.

 Iniciativas dessa natureza podem, inclusive, ter um papel educativo especificamente no âmbito da educação básica. Difundir, sensibilizar e promover debates a partir da memória e da expressão cultural são um importante caminho para abordar questões étnico-raciais nas escolas de ensino fundamental e médio, promovendo a implantação efetiva da Lei 10.639/2003.

A referida lei, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e é reconhecida como importante instrumento para o combate ao racismo nas escolas, precisa urgentemente de caminhos de efetivação. Afinal, ainda que tenha completado 20 anos em 2023, ela está longe de ser colocada em prática na grande maioria das escolas. Pesquisa dos institutos Alana e Geledés indica que apenas 29% das escolas brasileiras realizam ações consistentes de ensino de história e cultura afro-brasileira (BENEDITO, CARNEIRO e PORTELLA, 2023, p. 8).

**Referências**

ALVITO, Marcos. Puxando Conversa. In: FILÉ, Valter (Org.). **Batuques, fragmentações e fluxos**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

BRASIL. Lei 10.639/03. Disponível em <<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>>. Acesso em 16/03/2023.

BENEDITO, Beatriz Soares; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA, Tânia (org). **Lei 10.639/03:** a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. São Paulo, Instituto Alana, 2023.

FILÉ, Valter. **O que espanta miséria é festa!**: narrativas e memórias nas redes educativas do samba. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006 (tese de Doutorado).

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

IPEA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2023**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

1. Chacinas são assassinatos brutais de várias pessoas, em geral perpetrados por forças militares, por milícias e pelo crime organizado. [↑](#footnote-ref-1)